

DESENVOLVIMENTO RESPONSIVO

Uma proposta de desenvolvimento, anti-colonialismo intelectual!

*Palestra realizada no II Simpósio “Amazônia Brasileira, Nossa Para Sempre”, em
1º/06/2021*

*Prof. Adm. Ivomar Schuler da Costa – Esp. em Gestão Pública e Desenvolvimento
Regional pela UFPel - Vice-presidente do Instituto Federalista*

Quando olhamos para a situação atual do mundo, qualquer pessoa por menos sensata que seja percebe que estamos envolvidos em um enorme problema. Naturalmente, problemas são inerentes à existência humana, individual e coletiva. No entanto, a característica principal dos problemas da atualidade é a **complexidade**.

Um problema complexo é aquele em que todos os seus elementos e fatores estão em constante inter-atuação, e cada um, ou mais de um deles assume proeminência e importância temporária de acordo com mudanças internas ou externas. A inter-atuação, a mutualidade, a reciprocidade, ou para colocar na linguagem corrente e num entendimento mais profundo dos fatos, a interdependência torna a análise dos problemas altamente difíceis devido a dificuldade de identificação das variáveis atuantes, das relações entre elas, e das mudanças rápidas a que estão sujeitas.

Vamos tratar da apresentação de uma proposta diferente de desenvolvimento, diferente daquela que nas últimas três décadas tornou-se proeminente e, porque não dizer, hegemônica. Refiro-me à proposta do Desenvolvimento Sustentável.

Usando-a como pano de fundo, apresentaremos alguns delineamentos de uma futura proposta, que denominamos “Desenvolvimento Responsivo”.

Antes de entramos na questão que iremos tratar nesta breve exposição quero tornar clara nossa intenção. Reconhecemos no Desenvolvimento Sustentável um incrível esforço para a melhoria das condições da humanidade. Esta proposta realmente é portadora de aspectos positivos e rendemos nossas homenagens a todos aqueles que trabalharam com a intenção de elevar a humanidade a um patamar mais avançado de desenvolvimento.

Infelizmente, toda obra humana é sempre veículo de imperfeições, de lacunas de conhecimento, de privação de visão total da realidade, o que faz com que variados elementos e fatores essenciais, frequentemente deixem de ser considerados. E quando as circunstâncias mudam, ou os fatores intrínsecos de uma situação emergem espontaneamente, aquilo que não foi percebido antes, devido a essa miopia cognitiva natural do ser humano, o que era aceito como algo estabelecido e talvez até permanente mostra-se como fator variável, o que faz com que as construções teóricas tornem-se obsoletas. A nós parece ser este o caso da proposta do Desenvolvimento Sustentável. Como veremos adiante, estão presentes nela as sementes da sua própria destruição.

Assim, trataremos de destacar apenas alguns desses aspectos negativos. E não nos arrogamos originalidade nesta análise, já que outros, antes de nós, o fizeram com maestria intelectual incomparável, e nos quais fomos buscar nossas inspirações.

É evidente que pelo tempo que dispomos é impossível realizar uma crítica abrangente, por isso apenas apresentaremos alguns aspectos negativos que na nossa maneira de entender, podem evidenciar as deficiências do “desenvolvimento sustentável” enquanto proposta de progresso da humanidade.

Antes de tudo, vamos esclarecer os termos utilizados:

A etimologia do termo “desenvolver” está na língua latina. Vem do prefixo Des + envolver, isto é, retirar o envoltório, desembulhar, desempacotar. O termo traz a idéia de algo que está dentro de um envoltório e justamente por isso está limitado. Assim, retirar este envoltório significa restituir-lhe ou dar-lhe liberdade.

Outro sentido paralelo é o de que este algo que está limitado pelo envoltório tem capacidade de crescer, expandir suas potencialidades, o que é impedido pelo referido envoltório.

Assim, desenvolver carrega a idéia de retirar limitações de algo para que este possa expandir-se, possa manifestar as suas potencialidades.

Essas são os sentidos implícitos no termo desenvolver. Mas o termo desenvolvimento, como é utilizado atualmente significa tanto o ato de desenvolver quanto o efeito deste ato.

Sustentabilidade, por sua vez, tem origem no verbo “sustentar”:

Sustentar é segurar por baixo; suster, suportar, amparar; auxiliar, impedir que alguma coisa caia, conservar, manter, alimentar, estimular, fortificar, perpetuar. Parece clara a idéia de uma coisa que de algum modo suporta outra para que este continue existindo, fortalecendo-se, fluindo para que esta coisa se expanda, cresça. Assim, **sustentável** é aquilo que pode sustentar algo.

Chegamos, dessa forma, ao termo *Desenvolvimento sustentável*.

Mas por que foi necessário adjetivar o desenvolvimento como sustentável? Obviamente, para distingui-lo dos conceitos de desenvolvimento que predominavam antes dos anos oitenta. Os autores dessa idéia, ou seja, a Comissão da ONU que elaborou o Relatório “Nosso Futuro Comum” partiu da constatação de que os modelos anteriores de desenvolvimento levariam o planeta ao desgaste de todos os recursos.

Na década anterior o Clube de Roma havia produzido um relatório no qual propunha o Crescimento Zero, o congelamento da economia no nível que havia atingido até aquele momento, com a intenção de reduzir drasticamente o consumo dos recursos naturais. Essa proposta não foi aceita por razões óbvias.

O Relatório de Brundtland, nome da presidente da Comissão da ONU que elaborou o “Nosso Futuro Comum”, precisa apresentar uma proposta diferente daquela do congelamento econômico total, mas que tivesse como característica a preservação dos recursos naturais não renováveis. Foi daí que surgiu a proposta do Desenvolvimento Sustentável.

Embora não se possa afirmar que os componentes da Comissão da ONU estavam imbuídos de más intenções, o que seria uma acusação leviana, não podemos negar que a proposta apresentou várias lacunas teóricas que acabaram por comprometê-la.

A proposta do “Desenvolvimento sustentável” foi transformada em uma ideologia com finalidade de dominação de alguns poucos grupos sobre extensas camadas de população e de estados deficitários.

Os países e os grupos mais poderosos estão utilizando o Desenvolvimento Sustentável como uma capa para dissimular suas verdadeiras intenções, que é as de manterem outros países, sobretudo os pouco desenvolvidos, em eterno atraso e dependência.

Eles fazem isso potencializando certas características, transformando-as em tendências. Vou citar algumas poucas destas tendências inerentes à proposta sustentabilista:

O Desenvolvimento sustentável é uma proposta:

Globalizante - todos os países têm de atingir o desenvolvimento sustentável. Assim, é necessário porque a premissa fundamental da proposta é interdependência. Se uma parte não atingir o padrão requerido acabará por comprometer o todo.

Homogeneizadora - Tanto a teoria quanto as práticas devem ser homogêneas. Para tanto se busca a uniformização de pensamentos e de ações. Assim, a diversidade tão propalada é simplesmente contrariada. Quer dizer, a diversidade é apenas um engodo, porquanto na prática não é respeitada.

Globalista - é globalista no sentido de que promove a destruição da soberania das nações sob o eufemismo de “Soberania relativa” o que em si mesmo é uma contradição de termos.

Salvacionista, é uma proposta imbuída de um ânimo salvacionista. Traz intrinsecamente a pretensão de posse de uma verdade. Sendo assim, só existe um modo de salvar o planeta, que é a aplicação do Desenvolvimento Sustentável.

Materialista - desconsidera os aspectos de desejo de transcendência presentes no ser humano, levando em conta somente os aspectos da existência material.

Economicista - economicismo é uma forma de reducionismo da realidade que coloca a economia senão como o único fator responsável pela configuração da sociedade, pelo menos como o mais importante. Em alguns pontos tende a reduzir o desenvolvimento aos aspectos de geração de riqueza, de crescimento da produção e da distribuição de renda, sem considerar outros aspectos importantes para o desenvolvimento, como as competências humanas, que tem valor equivalente à distribuição de renda e com a qual atua em correlação.

Pessimismo Antropológico - a Hipótese Antropogênica afirma que são as atividades humanas que estão causando as supostas transformações climáticas. Tal afirmação está em contradição com o que a própria Comissão afirma, quando busca reconhecer a defasagem de conhecimentos que tinham àquela época sobre as mudanças que estavam ocorrendo, como veremos daqui a pouco. Ora, mas se a Comissão admite a própria ignorância em diversas áreas como pode afirmar que as crises climáticas, por

exemplo, são decorrências das atividades produtivas humanas e das tecnologias utilizadas até aquele momento, isto é, os anos oitenta do século passado?

Existem outras características, mas não irei me alongar.

O ritmo das mudanças vem suplantando os conhecimentos científicos e nossa capacidade atual de avaliação e aconselhamento¹.

Nesta citação estão implícitas as hipóteses neo-malthusianas. Quando a Comissão fala que o ritmo das mudanças está suplantando os conhecimentos científicos baseia-se no descompasso entre o grau de mudança dos fatores produtivos, entre eles o ser humano, e a tecnologia que permitiria equilibrar as variações destas variáveis. Ora, isto nada mais é do que a hipótese de Thomas Malthus, o pastor e economista inglês que advogava que o crescimento da população iria crescer exponencialmente, isto é, em grau muito maior do que o crescimento da produção de alimentos, ou seja, a produção de alimentos cresceria em grau muito menor. O resultado é que a humanidade passaria fome. Com base nesta hipótese ele propôs o controle da população, visando diminuí-la, e assim evitar a fome e a miséria. Essa idéia está no cerne da proposta sustentabilista.

Como estratégia retórica a Comissão utilizou o discurso da ameaça de um futuro ameaçado, da geração de um senso de urgência para mobilizar a humanidade em torno das suas propostas.

Tentativa de um sentido de urgência e desvalorização do passado.

As próximas décadas serão vitais. É tempo de romper com os modelos do passado. Se tentarmos manter a estabilidade social e ecológica por meio das velhas estratégias de desenvolvimento e a proteção ambiental, a instabilidade aumentará. A segurança deve ser buscada na mudança².

Nas entrelinhas da introdução do Relatório da Comissão Mundial, identifica-se claramente um sentimento quase religioso que nos remete à ideia cristã de salvação. A diferença é que neste caso a sacralização é do ambiente natural e a própria humanidade é que deveria realizar o ato salvífico, como se pode nitidamente perceber nesta passagem:

É unânime a nossa convicção: a segurança, o bem-estar e **A PRÓPRIA SOBREVIVÊNCIA DO PLANETA DEPENDEM DESSAS MUDANÇAS, JÁ**³. (grifo nosso)

Devido a este sentimento salvacionista e ao senso de urgência que se pretendia produzir, as mudanças propostas para salvar o planeta deveriam ser aquelas expostas pela Comissão e deveriam iniciar **imediatamente**.

A pretensão de posse de uma verdade absoluta é nítida nas seguintes linhas da mesma seção:

¹ Nosso Futuro Comum. - Da Terra ao Mundo. Visão Panorâmica da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - Cooperação Internacional e Reforma das Instituições. 4. Apelo à Ação. p.25.

² Nosso Futuro Comum. - Da Terra ao Mundo. Visão Panorâmica da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento - Cooperação Internacional e Reforma das Instituições. 4. Apelo à Ação. p.25.

³ Op. Cit. p. 26.

Para que se realizem as mudanças necessárias, acreditamos ser **IMPERATIVO** seguir as diretrizes contidas neste relatório⁴. (grifo nosso)

Este senso de urgência é reforçado pela seguinte passagem:

Mas para que as gerações futuras possam ter opções, a **geração atual deve começar a agir agora**, e a agir unida⁵. (grifo nosso)

Não podemos deixar de notar, ainda nesta afirmação que o foco da preocupação é com as gerações futuras.

Mas **para que as gerações futuras possam ter opções**, a geração atual deve começar a agir agora, e a agir unida⁶. (grifo nosso)

Ainda que consideremos os aspectos positivos da proposta do Desenvolvimento Sustentável, não podemos deixar de observar em vários pontos o seu caráter utópico, como quando afirma, na subseção 3.4.4. Fazendo Opções Conscientes:

As difíceis opções necessárias à obtenção de um desenvolvimento sustentável **DEPENDERÃO** do apoio e do envolvimento de um público bem informado, de organizações não-governamentais, da comunidade científica e da indústria⁷. (grifo nosso)

Os senhores entendem agora porque o imenso esforço que é feito para dominar os meios de comunicação, doutrinar as pessoas, instrumentalizar grupos sociais, formar verdadeiros exércitos de ONGs?

Mas ainda temos mais:

Assim, em última análise, o desenvolvimento sustentável **DEPENDE** do empenho político⁸. (grifo nosso)

Ao iluminarmos este trecho e compararmos com os fatos verificados na atualidade, vemos que se havia alguma boa intenção na proposta de ampliação do conhecimento e da participação de novos agentes na deliberação das opções necessárias para o desenvolvimento sustentável, estas estão sendo ou desmentidas ou sendo utilizadas para finalidades que não condizem com a proposta original.

É fácil agora perceber porque os entes interessados em implantar o Desenvolvimento Sustentável procuram influir poderosamente sobre os partidos políticos e sobre as correntes políticas mundiais e nacionais.

Vejam o que diz este trecho do Relatório:

As difíceis opções necessárias à obtenção de um desenvolvimento sustentável **DEPENDERÃO** do apoio e do envolvimento de um público bem informado, de

⁴ Op. Cit. p. 25.

⁵ Op. Cit. p. 25.

⁶ Op. Cit. p. 25

⁷ Op. Cit. p. 23

⁸ Op. Cit. p. 11

organizações não-governamentais, da comunidade científica e da indústria⁹. (grifo nosso)

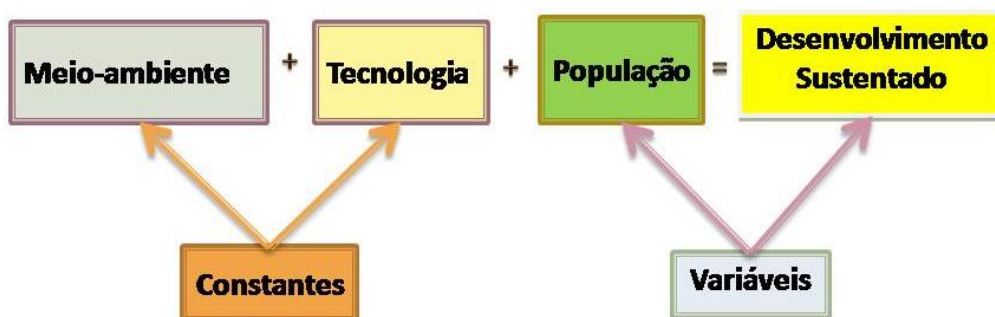
O fato é que o “público bem informado” transformou-se em parcela da população fanatizadas pelo ambientalismo; as ONG’s transformaram-se, em grande parte, consciente ou inconscientemente, em agentes terceirizados de grupos internacionais, apátridas, que visam minar por dentro a soberania dos estados-nação; uma parcela da comunidade dita científica tornou-se reprodutora de discursos anti-científicos e o setor privado da sociedade passou a usar o ambientalismo como simples marketing para conquista, manutenção de mercados e aprovação do seu público-alvo.

É claro que não estamos desmerecendo as saudáveis intenções daqueles que defendem a conservação ambiental de maneira sensata, bem como não estamos contrariando ou negando a necessidade de medidas protetivas do meio-ambiente. O que afirmamos é que as propostas de Desenvolvimento Sustentável contêm em si aspectos que estão sendo explorados de modo excessivo, como se fossem uma arma de dominação de consciências, levando a exageros que promovem conflitos sociais desnecessários e inconvenientes.

Enfim, poderíamos citar diversos outros trechos do Relatório “Nosso Futuro Comum”.

De modo sucinto e até superficial podemos resumir o Desenvolvimento Sustentável a uma fórmula:

$$\text{MA} + \text{Tec} + \text{Pop} = \text{DS}$$



Na qual o meio-ambiente e a tecnologia são as constantes e a população é a única variável. Isto significa que o meio-ambiente não pode ser alterado e a tecnologia é dada mais ou menos como estagnada em certo ponto e sem condições de evoluir e alterar o equilíbrio das variáveis e dos resultados. Assim, para que o resultado final, o Desenvolvimento Sustentável seja atingido, resta apenas atuar sobre a população.

⁹ Op. Cit. p. 23

O ponto central da proposta do Desenvolvimento Sustentável, sendo um tanto quanto irônico, o ponto de sustentação desta proposta é exclusivamente a população. O fator central a ser trabalhado são as pessoas. População é uma forma de expressar amplamente os agrupamentos humanos.

Como é defendido que todos, em todo o mundo, devem ter acesso à novos padrões de existência, e sendo o meio-ambiente um fator esgotável, e por isso deve ser mantido quase intocado, e supondo-se que a tecnologia não alteraria as curvas de crescimento, aumentando a oferta de recursos naturais, sobra apenas o fator população para ser alterado. Assim, para que o desenvolvimento sustentável se efetive é preciso ou evitar o crescimento da população até certo nível, ou, caso este nível seja ultrapassado, medidas devem ser tomadas para a redução populacional. É o que se pode entender por meio da interpretação da fórmula, lembrando que esta fórmula é apenas uma representação à grosso modo.

O único fator a ser trabalhado para atingir o Desenvolvimento sustentável é a população, seja nos seus aspectos biológicos, seja nos antropológicos, seja nos sociais, nos políticos ou nos econômicos.

Não é também por outra razão que o Relatório da Comissão diz claramente que seria necessário provocar mudanças na economia e na sociedade. Nesta, é declarado que o objetivo é alcançar mudanças institucionais. Isto significa, basicamente, a alteração das instituições democráticas atuais por um sistema de governo global. Isso é feito dissimuladamente propondo uma nova democracia, na qual os participantes do sistema de governança global não seriam mais os estados-nação, ou não seriam apenas eles, mas também grupos étnicos, grupos identitários, grupos empresariais, ONG's, Religiões e igrejas, etc. Além disso, a composição dessa nova configuração "democrática" seria fluida, volúvel, moldável, gerando uma alteração constante de idéias e decisões. Quanto à economia, tendo em vista que barrar o crescimento é inviável, busca-se alterar os seus aspectos qualitativos. É daí que surge a já famosa meta de "Fazer mais com menos", que é meramente uma fórmula de eficiência.

Talvez você esteja se perguntando de onde deduzi esta afirmativa. Na verdade é muito simples e fácil chegar a ela, pois o Desenvolvimento Sustentável trabalha a partir de premissas malthusianas. Para concluir basta juntar os dados esparsos no referido relatório.

Vejamos um desses pontos:

[...] é imperativo reduzir as atuais taxas de aumento populacional a fim de atingir o desenvolvimento sustentável. Os pontos críticos são o equilíbrio entre o tamanho da população e recursos disponíveis, e a taxa de aumento populacional em relação à capacidade da economia de atender às necessidades básicas da população, não só hoje, mas por gerações. [...]. Não importa o modo como uma nação busque o **desenvolvimento sustentável e níveis mais baixos de fecundidade**, ambos têm vínculos estreitos e reforçam-se mutuamente¹⁰. (grifo nosso)

Contudo, essa relação de reciprocidade é mais abrangente, pois,

¹⁰ Op. Cit. p. 114.

As medidas destinadas a **alterar o tamanho da população** só são eficazes em combinação com outras questões relativas a desenvolvimento e meio-ambiente¹¹.
(grifo nosso)

Todavia, o ponto mais fraco dessa proposta é o conceito de Desenvolvimento Sustentável.

Como sabemos, em lógica, o conceito é o conjunto notas acerca das características de um objeto, dos seus aspectos essenciais ou necessários, assim como dos acidentais ou contingentes; conjunto que forma uma representação do objeto e que permite descrevê-lo, identificá-lo e diferenciá-lo de outros objetos.

Já a definição, como o próprio termo indica, significa “dar-fim”, isto é, estabelecer os limites do objeto estudado, de modo que possamos saber onde ele começa e onde termina.

O problema do conceito de Desenvolvimento Sustentável é a sua amplitude, a sua largueza. Ele é tão extenso que o torna elástico e passível de distorcê-lo para atender a qualquer objetivo. Vamos ver alguns exemplos.

A definição já clássica é esta: *Desenvolvimento Sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades.*

Pode-se ver imediatamente que esta definição não atende aos critérios básicos necessários: convenhamos que atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem as próprias necessidades exige uma capacidade infinita de previsão do futuro. Isso sem falar que é praticamente impossível saber quais serão as necessidades das gerações futuras.

O próprio relatório declara que “dois termos são importantes neste conceito: necessidades e limitações”. Quanto às limitações o Relatório diz que: *Limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio-ambiente, impedindo-o de atender à necessidades presente e futuras.*

Ora, das limitações apontadas temos “o estágio atual da tecnologia” e “o estágio atual que a organização social impõe ao meio-ambiente”. Agora, não é de modo algum estranho que estes dois termos sejam exatamente os mesmos da hipótese malthusiana!

Continuando com a questão da deficiência conceitual, temos mais estas tentativas que acabam mais por confundir do que realmente esclarecer.

O desenvolvimento sustentável não é um estado permanente de harmonia, mas um **PROCESSO DE MUDANÇA** no qual a exploração dos recursos, a orientação dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão de acordo com as necessidades atuais e futuras. [...] Assim, em última análise, o desenvolvimento depende do empenho político¹². (grifo nosso)

É óbvio que desenvolvimento é um processo de mudança. O termo desenvolvimento já indica isso nas suas origens. E sendo um processo de mudança é

¹¹ Op. Cit. p. 115.

¹² Op. Cit. p.11.

claro que provocará desarmonia, pois a mudança implica um movimento gradual em que o que era já não é mais.

Na citação a seguir está clara a condição de controle populacional para a efetivação do desenvolvimento sustentável. Assim, o eufemismo representado pelo termo “evolução demográfica” indica que tal controle faz parte do conceito.

[...] o desenvolvimento sustentável só pode ser buscado se a evolução demográfica se harmonizar com o potencial produtivo cambiante do ecossistema.¹³

O conceito raramente chega a definir com exatidão o que é o desenvolvimento sustentável, pois permanece circundando as idéias sem nunca aproximar-se o suficiente para dizer o que é.

No mínimo, o desenvolvimento sustentável não deve por em risco os sistemas naturais que sustentam a vida na Terra: a atmosfera, as águas, os solos e os seres vivos.¹⁴

Aqui, de modo tão vago quanto as outras notas, apresenta-se mais uma exigência, sem apontar a essência, a natureza do desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável exige que o índice de destruição dos recursos não-renováveis mantenha o máximo de opções futuras possíveis.¹⁵

E este segue na mesma linha.

O desenvolvimento sustentável requer a conservação das espécies vegetais e animais.¹⁶

Se fossemos levar ao pé da letra as tentativas infrutíferas de definição, de acordo com a citação a seguir, bastaria não poluir para que se efetivasse o desenvolvimento sustentável.

Para haver um desenvolvimento sustentável é preciso minimizar os impactos adversos sobre a qualidade do ar, da água e de outros elementos naturais, a fim de manter a integridade global do ecossistema.¹⁷

E para completar, o conceito aponta os fins quase inatingíveis do desenvolvimento sustentável:

Em essência, o desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o

¹³ Op. Cit. p. 47.

¹⁴ Op. Cit. p. 48.

¹⁵ Op. Cit. p. 49.

¹⁶ Op. Cit. p. 49.

¹⁷ Op. Cit. p. 49.

potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e aspirações humanas.¹⁸

Guerras de Novas Modalidades

O mundo atual caracteriza-se, entre muitas outras coisas, pela alteração no modo de fazer guerras. As guerras convencionais não desapareceram, porém, outras modalidades foram acrescidas e hoje predominam. Entre estas novas modalidades citamos as guerras intelectuais. O objetivo delas é dominar um inimigo, geralmente um país, pela introdução dissimulada de idéias mascaradas de cientificidade, mas que no fundo buscam apenas colocar o inimigo em situação de inferioridade para que não tenham condições de analisar a realidade e reagir às amarras que lhes são postas.

Colonialismo Intelectual: a Batalha pela primazia intelectual

Nestas novas modalidades da guerra qualquer meio serve como arma. Quanto mais este meio puder dissimular a intenção de quem o utiliza, mais efetivo ele será. Uma das modalidades de guerra que parece até agora não ter sido detectada pelos especialistas brasileiros, ainda muito afeitos às modalidades que os grandes centros e as potências atuais divulgam, certamente com a intenção de obscurecer o que realmente estão fazendo, é a “guerra intelectual”.

Não se trata simplesmente da “guerra contra a inteligência” divulgada por alguns estudiosos; aliás, a guerra contra a inteligência é apenas um dos campos de batalha de uma modalidade mais ampla, a “guerra contra a identidade humana” (ou guerra identitária). A guerra intelectual é uma parte importante do processo de submissão de uma população, seja uma parte de um país ou o país inteiro. (guerra contra a inteligência difere da guerra intelectual. Na primeira o alvo da violência é a inteligência dos indivíduos; na segunda a intelectualidade é a arma utilizada!)

Nessa guerra, uma das mais importantes é a “Batalha pela liderança intelectual”. Esta é a primeira grande batalha a ser travada. Infelizmente os analistas brasileiros não percebem (ou fingem não perceber) que as *propostas sustentabilistas* são ideologias cujo objetivo é a submissão intelectual do país. Nesta luta ajuda muito aos atacantes se o país em questão agasalhar em si um sentimento de inferioridade (síndrome de “vira-lata”) intelectual, o que o torna mais propenso a acatar as idéias dos “pensadores” dos grandes centros acadêmicos e hegemônicos em detrimento das idéias e propostas dos pensadores autóctones, tão ou mais cientificamente legítimos do que as idéias dos primeiros. Outro fator de facilitador do processo de submissão intelectual do país é se ele foi colonizado por potências da mesma procedência da que tenta a dominação. É fato conhecido que a colonização intelectual perdura muito mais tempo após o país ter se libertado do seu colonizador. Dificilmente um país colonizado consegue a autonomia intelectual de imediato.

A batalha pela liderança intelectual é vencida quando a maioria das universidades, dos grandes centros acadêmicos, a grande mídia e a maior parte das associações profissionais acatam as idéias estrangeiras e as retransmitem, dando-lhes legitimidade.

¹⁸ Op. Cit. p. 49.

O que os dominadores buscam é produzir teorias que sejam aceitas como verdadeiras, como científicas, mas que não expressam a realidade. Uma vez que o que afirmam não é total ou parcialmente real, os resultados para que a aceita e aplica as suas ações não apresentam os resultados esperados, ficam desorientados, ainda mais quando insistem nas mesmas ações, mesmo que os resultados não se mostrem minimamente satisfatórios. Há, conseqüentemente, uma enorme perda de tempo e de recursos, o que acabará por colocar o país afetado em dependência cada vez maior dos dominadores.

A batalha pela liderança intelectual é uma das primeiras etapas para induzir a construção de um futuro escolhido pelos dominadores, sem a participação dos dominados. Uma vez que os dominados aceitaram as idéias propagadas por aqueles, o povo dominado será subjugado com enorme facilidade. Este tipo de batalha de guerra de nova modalidade usa as teorias ditas científicas como arma.

Portanto, o colonialismo cultural deve ser combatido como condição *sine qua non* de libertação. A arma de luta é a busca pela autonomia intelectual dos pensadores do país atacado. A construção de setores intelectuais, científicos e tecnológicos nacionais é absolutamente necessária para escapar desta forma de colonialismo.

A Batalha das Narrativas e as ecoguerras

A segunda batalha é a das narrativas. Uma vez que um povo esteja convencido de que as idéias propagadas pelos dominadores são verídicas e representam a realidade, todo o processo cognitivo, e, portanto, a percepção da realidade, passa a ser controlado pelo que é dito pelos dominadores. Quem controla a formação dos esquemas cognitivos controla a percepção e, por isso, controla o modo como as pessoas vêem a realidade. No decorrer do tempo, o controle passa a ser sobre a cultura de um povo.

A primeira atua no nível mais profundo, o das crenças; a segunda atua no nível dos discursos.

A difusão das idéias ambientalistas é nitidamente uma batalha de narrativas que apela para a geração do medo, da geração de um sentido de urgência visando facilitar a adoção de políticas que submetem muitos países a apenas alguns, mais poderosos. Após abertas as portas cognitivas de uma sociedade, para a entrada de idéias irrealistas, inautênticas, a seqüência é a imposição de diversas formas de barreiras, filtros, condições, até que o país alvo perca totalmente a sua capacidade de auto-determinação.

Obviamente, como dissemos antes, não estamos contrariando a necessidade de cuidar do meio-ambiente natural. O que destacamos e condenamos com veemência são os excessos discursivos dessa corrente de idéias e seus resultados nada sustentáveis.

Fontes das “Armas” Intelectuais

Todas as “armas” intelectuais que estão sendo utilizadas agora basicamente tiveram sua origem nos anos setenta. Somente a título de exemplificação, citarei dois autores e pesquisadores que trataram da questão das armas intelectuais. O mais conhecido deles é, sem dúvida, o sociólogo e historiador Alvin Toffler que juntamente com a sua esposa, também pesquisadora, escreveram vários livros de sucesso e influenciaram inúmeras lideranças no mundo inteiro. O primeiro livro de sucesso foi “O

Choque do Futuro”, no qual ele descreve os processos de mudanças sociais que estavam ocorrendo e as suas prováveis conseqüências. O segundo livro foi “A Terceira Onda”, no qual ele descreve as mudanças que estavam ocorrendo na passagem de uma civilização industrial para outra pós-industrial. Mas o que mais nos interessa aqui é um livro da década de noventa, cujo título é “Guerra e Anti-guerra”. Este livro foi escrito com base em um trabalho de consultoria que ele prestou às Forças Armadas Americanas. Uma boa parte da nova concepção de guerra daquelas forças armadas brotaram daquele trabalho conjunto com alguns oficiais altamente graduados. Toffler antecipou, mais uma vez, e com grande eficácia, as tendências e os novos mecanismos de guerra que predominariam no século XXI. Entre estas tendências estava a questão ambiental. O detalhe é que ele colocou países como o Brasil, como possíveis chantagistas ambientais. O que ele disse é que o meio-ambiente natural se tornaria cada vez mais importante e, sendo tais países os maiores detentores de recursos ambientais, os países dominantes deveriam tomar as devidas providências para evitar tal suposta chantagem. A sugestão é que estes países não deveriam ser deixados tão livres.

Toffler, no seu livro “Powershift, As Mudanças do Poder”, na página 333 afirma:

Uma terceira via de atividade para os espíões de amanhã é o meio-ambiente. Os problemas ambientais atravessam, cada vez mais, as fronteiras nacionais, de modo que a poluição do Reno afeta tanto a Holanda quanto a Alemanha, a chuva ácida ignora fronteiras, e **o desflorestamento da Amazônia tornou-se preocupação global.** (grifo nosso)

[...]

Um dia, países poderão soltar insetos geneticamente alterados contra um adversário, ou tentar modificar as condições climáticas.

Quando este dia chegar, os serviços de informações irão fornecer munição para as ecoguerras.

[...]

Os serviços de ecoinformações serão integrados mais intimamente com o planejamento político e militar à medida que a ecoguerra e os ecotratados se tornarem parte do **novo sistema global.** (grifo nosso)

Somente para não deixar passar em branco, Toffler foi um dos primeiros a conceber a “engenharia social”, por intermédio das suas pesquisas e estudos sobre o futuro.

Outro intelectual que se destaca na antecipação de novas armas nas batalhas de novas modalidades é o biólogo inglês C. H. Waddington. Ele não é tão conhecido como Toffler, porém, o que diz em seu livro tem repercussões até hoje. Ao apresentar algumas ferramentas do pensamento para trabalhar com os sistemas complexos, Waddington sugere técnicas de projeção do futuro, como os “cenários regressivos” e a “criação” de problemas mundiais para forçar mudanças que sejam consideradas necessárias por uma elite de homens supostamente iluminados. Pandemias globais a partir de vírus criados em laboratórios e poluição são algumas dessas idéias para produzir medo e alterar a percepção de tempo e necessidade de mudanças políticas. Partindo do problema da

poluição, um dos mais graves naquela época, ele ensina como se poderia plantar as sementes de futuras configurações globais e mudanças profundas nas indústrias automobilística e petrolífera e até um provável cronograma de ações para o desenvolvimento de carros com motores elétricos. Como podemos perceber, nada existe de novo sob o sol.

As ideais destes pensadores, entre outros, ainda que não tenham sido apresentadas com intenções ideológicas estão sendo francamente utilizadas como instrumentos de dominação intelectual, em novas modalidades de guerra.

A Relativização das Soberanias Nacionais

Pode-se perguntar: afinal, entendemos que os países dominantes desejem se apoderar dos recursos naturais dos países inferiores em desenvolvimento, mas como pretendem fazer isso? A resposta é que pretendem, e estão conseguindo, relativizando as soberanias nacionais. Conforme propôs C. H. Waddington, um problema de ordem mundial faria com que muitas das normas e instituições nacionais se enfraquecem, pois induziria os países a colaborarem para evitar um mal maior. Ceder parte da sua soberania seria uma das formas utilizadas. Dizer que problemas globais exigem soluções globais é o mesmo que exigir a entrega da soberania nas mãos dos mais poderosos. E essa tentativa está clara na seguinte citação:

As **FORMAS TRADICIONAIS DE SOBERANIA NACIONAL GERAM PROBLEMAS ESPECÍFICOS** quanto à administração dos “bens comuns do globo” e dos seus ecossistemas – os oceanos, o espaço cósmico e a Antártida.¹⁹ (grifo nosso)

Uma Proposta Diferente

A *proposta do desenvolvimento responsivo* deve ser considerada também sob a perspectiva de um duelo intelectual na busca pela conquista de um padrão de pensamento e domínio de territórios. Impor externamente um modo de ser e de existir é também um meio de combate. Elaborar uma proposta adequada às condições brasileiras, contrapondo-a à proposta alienígena do *Desenvolvimento Sustentável*, é tanto uma estratégia de resistência às tentativas de dominação cultural do Brasil quanto uma barreira poderosa ao seqüestro das mentes dos brasileiros por agentes internos à serviço dos atacantes estrangeiros. Nas “novas modalidades da guerra” uma das etapas é luta pela liderança intelectual. Por enquanto o proposta dos *sustentabilistas* está em vantagem porque não surgiu nenhuma resposta à altura.

Na luta pela *liderança intelectual pelas propostas de desenvolvimento* é importante estabelecer a contraposição *Sustentabilistas X Responsivistas*. Esta é uma forma de despertar a percepção das pessoas para o problema do colonialismo intelectual europeu.

O núcleo das ações de desenvolvimento responsivo deve ser a geração atual. É esta que está aqui e agora, e precisa subsistir, pois sem ela de nada adiantará preservar a natureza, pois não haverá geração alguma para usufruir dela se a atual não tiver continuidade.

¹⁹ Op. Cit. p. 21.

Desenvolvimento e Responsividade

Já conhecemos a idéia de desenvolvimento e sabemos que esta idéia traz implícita duas noções fundamentais: a de “desembrulhar” e a de “crescimento”. A primeira leva ao entendimento de que é necessário retirar restrições, liberar, daí o “desenvolver”, o “desembrulhar”. Depois da retirada das restrições o objeto que estava restrito poderá expandir, crescer, isto é, realizar todo o seu potencial.

Acontece que com sociedades humanas essa expansão e realização das capacidades não é automática. Muitas vezes as sociedades locais precisam de um suprimento de energia para pelo menos darem início a sua expansão e, por conseguinte, alcançar o nível mínimo considerado para uma existência digna. É aqui que entra a idéia de responsividade.

Vejamos primeiramente os seus significados.

Etimologicamente, responsivo (a) é um adjetivo de origem latina: *responsivus* e relaciona-se com o sentido de dar resposta, dar retorno, que se adapta, que é flexível.

Ampliando o sentido original do termo para usá-lo como adjetivo ao desenvolvimento, teremos duas noções fundamentais e outras acessórias, que permitirão uma descrição mais abrangente do termo:

Responsivo é o que:

- a. É flexível
- b. É o que se adapta em várias configurações e plataformas;
- c. É o que reage de maneira apropriada, dentro de determinadas condições;
- d. É o que, nas suas possibilidades e condições, capta ou recebe informações exógenas e responde de maneira adequada e no tempo esperado;

Adicionando ao adjetivo “responsivo” o sufixo latino “idade”, que significa “modo de ser”, teremos o termo responsividade. O modo responsivo de ser:

- a. É a capacidade de responder adequadamente aos estímulos no tempo esperado;
- b. É a atitude e o comportamento de tomar a responsabilidade para si e oferecer a resposta necessária às necessidades, de acordo com as suas condições.
- c. Implica a auto-responsabilidade.
- d. Implica a resolução, isto é, a determinação, a firmeza de propósitos, a coerência e a consistência.

Lembremos que a lógica nos ensina que todos os entes respondem sempre proporcionalmente às suas potencialidades. De uma maneira mais simples, nenhum ente

conseguirá responder ou atuar além das suas forças, das suas capacidades, mas sempre atuará proporcionalmente a elas.

A origem do vocábulo responsabilidade está na palavra “resposta”. Responsivo é tudo que tende a responder, indicado pelo sufixo **ivus**. Este vocábulo tem sua origem no latim **responsum e respondeo**, que tem o sentido de comprometer-se por seu lado, corresponder a um compromisso solenemente feito; isto é, dar uma contrapartida a uma ação de outrem, “corresponder a”. Podemos verificar que o sentido de correspondência está fortemente presente. Corresponder é responder conjuntamente, o que nos leva à idéia de interação entre pelo menos dois entes. Replicar, Ressoar. Ressoar é soar de novo, em resposta a um som, quer dizer, uma forma de eco.

Do ponto de vista ambiental, como há interdependência entre o ser humano e o meio-ambiente, todas as ações dos indivíduos, coletivamente ou não, ou as modificações do meio-ambiente são respostas, de um para o outro, portanto, as ações de desenvolvimento não devem ser impedidas por supostamente afetarem os componentes da relação, mas sim que as ações devem ser adequadas às respostas prováveis do ente oposto.

Responsividade é a capacidade de um ente responder aos estímulos de outro, ou seja, de reagir aos seus estímulos. O indivíduo humano é considerado em certas situações um ser responsivo, pois não somente atende aos questionamentos de outros entes físicos ou metafísicos, como também se compromete diante de outros a fazer ou deixar de cometer determinados atos, bem como pode comprometer-se perante sua própria consciência moral. O sentimento de vergonha ou de culpa são respostas conscienciais ao descumprimento das promessas feitas para si mesmo ou para outros. Os códigos legais partem do pressuposto de que todo ser humano adulto é responsável, o que o torna imputável. Os seres irracionais, vegetais e animais, sempre dão respostas padronizadas aos estímulos externos. O ser humano, ao contrário, tem capacidade de adequar as respostas no tempo e no espaço, assim como a sua intensidade, de acordo com objetivos visados. Para o *Desenvolvimento Responsivo* são estas adequações de respostas que interessam, sobretudo quando se dirigem ao meio-ambiente. Contudo, a responsividade também pode ser aplicada aos indivíduos ou às coletividades, quando aos “estímulos” do meio-ambiente dão, por exemplo, uma resposta fisiológica, metabólica, genética, e até respostas morais. Pode ser que a resposta ao estímulo do meio-ambiente seja a produção de certas ações sobre

Em resumo, podemos dizer que as noções nucleares do conceito de *desenvolvimento responsivo* são a **resposta**, a **responsabilidade** e o **compromisso**.

Características Gerais do Desenvolvimento Responsivo

1. O poder é difuso, distribuído de modo mais justo e equilibrado, e de acordo com a capacidade de exercê-lo com responsabilidade.
2. As responsabilidades mínimas de cada ente, estatal ou civil, são claramente estabelecidas.

3. Cada pessoa e cada local devem encontrar o seu jeito peculiar de expandir os seus potenciais, sem desconsiderar ou contrariar as grandes linhas do projeto nacional.
4. As experiências, tanto de sucesso quanto de fracassos, devem ser compartilhadas, visando acelerar a “curva de aprendizado”.
5. Atua no sentido de despertar a capacidade de auto-afirmação de indivíduos e coletividades, estimulando a autonomia.
6. O estado não faz as coisas para as pessoas, mas produz as condições para que cada pessoa e cada local façam o que precisa ser feito.
7. As pessoas não são simples receptores passivos das ações de desenvolvimento, mas também são agentes e os principais protagonistas.
8. O meio-ambiente, seja ele natural ou artificial, é uma potencia passiva, enquanto o ser humano é uma potencia ativa.
9. O desenvolvimento responsivo é passível de grau maior ou menor, de acordo com as condições internas ou externas.
10. As ações para o desenvolvimento devem ser proporcionais às carências e potencialidades de cada local onde são aplicadas.
11. As ações de desenvolvimento devem ser adequadas às peculiaridades de cada local e não aplicadas em pacotes rígidos, impostos de cima para baixo.
12. A responsabilidade pelas decisões, ações, esforços e pelos seus resultados deve ser compartilhada com todos os entes envolvidos.

Erros que devem ser evitados.

Hiperresponsividade: resposta exagerada aos estímulos, em termos de tempo e de intensidade. Exemplo: uma inflação generalizada é uma resposta exagerada do organismo a certos agentes infecciosos.

Hiporresponsividade: resposta aos estímulos aquém do esperado em termos de tempo e de intensidade.

Irresponsividade: não resposta aos estímulos (autismo)

Irresolutividade: indecisão, hesitação, incerteza, vagueza.

Tentamos mostrar que embora a idéia de sustentabilidade seja coerente, válida e necessária, os excessos ideológicos que lhes foram agregados, excessos decorrentes de uma conceituação extremamente frágil, acabaram por deturpar e obscurecer os aspectos positivos da sustentabilidade e do desenvolvimento que lhe serve de sujeito.



SAGRES
POLÍTICA E GESTÃO ESTRATÉGICA APLICADAS

Os países dominantes, usando das suas capacidades intelectuais promoveram distorções semânticas para confundir os outros países. As crenças e os discursos tornaram-se teatro e operações de guerra, respectivamente.

Mas existe uma solução para escapar da armadilha do colonialismo intelectual. É possível ver a realidade sob outros prismas e exercer a autonomia intelectual de que somos capazes. O Desenvolvimento Responsivo é uma possibilidade de escapar da esfera de influencia das propostas que visam apenas nos manter inferiorizados, apesar dos nossos imensos potenciais.

As idéias de um nova proposta de desenvolvimento adequado à nossa realidade, um desenvolvimento responsivo, podem ser aplicadas à nossa Amazônia. Na verdade, se quisermos manter aquela riquíssima região sob nossa soberania precisamos nos livrar do conceito de desenvolvimento sustentável e aplicar outro que nos sirva com mais propriedade.